

## Um rodízio para as onças

Categories : [Rastro de Onça](#)

*Um dos temas mais importantes e interessantes no estudo das onças é o conhecimento dos seus hábitos alimentares, ou ecologia alimentar. As técnicas que permitem a coleta de dados sobre esse aspecto envolvem desde a simples coleta de fezes (e a identificação de cada item encontrado nelas), à procura por carcaças e restos de animais abatidos (com o registro de todas as informações pertinentes), ao acompanhamento instantâneo de indivíduos aparelhados com rádio colares, através da telemetria VHF, em suas andanças à procura por alimento (quando possível mantendo uma distância em que se possam definir os tipos de habitats utilizados e possíveis preferências individuais por algumas espécies de presas). Nessa última técnica, com o uso de telemetria baseada em GPS, é possível definir os aglomerados de localizações dos indivíduos aparelhados onde, supostamente, possa ter ocorrido um ato de predação (mais sobre esse tema, abaixo).*

*Em alguns casos, até a técnica de armadilhas fotográficas tem produzido, com o aumento no seu uso, cada vez mais casos fortuitos com fotos extraordinárias, mostrando evidências de predação e alimentação, como na foto acima, em que uma onça-pintada aparece se alimentando de um tamanduá-bandeira, no Parque Nacional Grande Sertão Veredas (Foto: Instituto Biotrópicos, acima).*

*No primeiro estudo dos tigres, na Índia, o Dr. George Schaller (em [The Deer and the Tiger, University of Chicago Press, 1967](#)) deixava búfalos amarrados para atrair tigres e poder estudar técnicas de predação, alimentação e organização social. Dessa forma, ele conseguiu habituar uma fêmea com três filhotes subadultos, que ele observou repetidamente, em várias ocasiões, coletando dados extremamente interessantes de comportamento parental para a espécie, até então desconhecidos. Agora, as armadilhas fotográficas substituem, até certo ponto, esse monitoramento intensivo de carcaças, como o Fernando Tortato nos conta, logo abaixo.*

*Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas*

*Em uma ocasião, enquanto o Dr. Schaller e eu estudávamos capivaras e jacarés entre meados de 1978 e 1979, ao longo da rodovia Transpantaneira, então ainda recém-construída, eu tive uma oportunidade interessante de acompanhar um incidente envolvendo a carcaça de um touro tucura (o gado tucura, do Pantanal, é uma variedade originária do gado ibérico, introduzido há mais de 220 anos e que se adaptou bem às condições extremas do ambiente. O gado se encontra atualmente em extinção, na planície pantaneira). Eu saí do nosso acampamento bem cedo, ainda*

escuro, para poder começar as observações de comportamento dos jacarés em uma das poças de estudo às 6 da manhã. Um touro tucura com mais de 500 kg havia sido atropelado por um caminhão, no dia anterior, e a carcaça havia ficado em cima do aterro da estrada. Com os faróis da Kombi acesos, eu procurava a carcaça do touro, quando me dei conta que ela já não estava na estrada. Curioso, eu parei o carro e vi que ela havia sido arrastada, descendo o barranco de uns 3 m do leito elevado da estrada, quebrando a vegetação arbustiva no trajeto. Achando isso estranho, eu procurei na estrada com a luz do farol e com minha lanterna, e logo encontrei pegadas de um macho grande de pintada, que certamente era o responsável pelo deslocamento da carcaça. Iluminando com a lanterna, vi que a carcaça tinha sido arrastada até uma cerca de arame liso, de quatro fios, que estava em processo de construção, justamente para evitar o acesso livre do gado à estrada, no seu lado oeste, dentro das terras da fazenda Jofre (à época, de propriedade de Geraldo Gouveia). Do outro lado da cerca havia um capão de mato, de onde a onça estava, com toda a certeza, me olhando naquele momento. Excitado e curioso, eu achei melhor voltar mais tarde, com a luz do dia, para coletar mais informações. Quando completei o turno de 6 horas de observação dos jacarés, voltei ali e pude ver melhor o que havia acontecido. Havia alguns urubus pousados em árvores próximas, mas como nenhum estava no chão, eu podia concluir que a onça se encontrava próxima. A carcaça já não estava na mesma posição, o predador tendo tentado arrastá-la por debaixo do último fio de arame da cerca, a uns 40 cm do chão, no processo quebrando um dos chifres do touro – dava para imaginar a força necessária para isso! Uns 15 a 20 quilos de carne dos quartos dianteiros e peito já haviam sido consumidos. Como naquela época havia ainda pouco trânsito pela Transpantaneira, era bem evidente que o macho tinha se alimentado na carcaça ainda exposta, em plena luz do dia. No final da tarde, quando passei novamente no local, a onça havia conseguido passar aquela carcaça enorme por baixo da cerca, e a arrastado mais uns 15 m para oeste, para dentro do capão de mata, com isso criando um túnel pela vegetação emaranhada. Os urubus ainda estavam pousados nas árvores, e como já estava escurecendo, achei melhor não chegar mais perto. Parei novamente na manhã seguinte e como havia um ou dois urubus se arriscando a pousar no chão, pelo lado de fora do capão, eu cheguei até a entrada do túnel e forcei os olhos, tentando enxergar através das sombras, na penumbra do interior da mata. Mais para controlar o "frio na barriga" e o arrepio dos cabelos da nuca, comecei a conversar com a onça, caso ela estivesse por ali, em um tom baixo, tentando manter minha voz firme. À medida que ia fazendo perguntas que estavam me intrigando (O Sr. ainda está por aí? Não me leve a mal, mas eu gostaria que o Sr. me respondesse algumas perguntas... Não precisa se preocupar, eu não vou roubar a sua carcaça... Só quero saber quanto que o Sr. comeu, e quais as partes que o Sr. mais gosta...) eu ia chegando mais perto, metro a metro, batendo palmas de vez em quando. Pela tensão quase palpável que eu sentia no ar, tenho certeza que ele estava por ali! A carcaça estava a uns 10-12 metros mais para o centro da pequena ilha de mata e, esticando o pescoço, eu consegui ver que as vísceras haviam sido removidas e pelo menos mais uns 10 a 15 kg de carne comidos, avançando para a parte posterior do touro. Repeti a visita e os procedimentos ainda mais uma vez, tendo que voltar para Poconé, no dia seguinte, por compromissos assumidos. Mas ainda hoje me lembro dos momentos eletrizantes e extremamente proveitosos que essas circunstâncias me proporcionaram!

**De olho no Urubu, por Fernando Tortato (com a colaboração de Rafael Hoogesteijn)**

*Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas*

Desde que comecei a trabalhar com pesquisas envolvendo as onças-pintadas, uma das atividades que mais gosto é monitorar carcaças de animais predados por elas. É praticamente uma ciência forense, onde no local do abate cada detalhe pode trazer informações importantes para elucidar o "caso". Mas antes de se aproximar da carcaça, é necessário ter muita cautela, observando cuidadosamente os rastros e sinais no entorno, evitando o risco de encontrar a onça ainda na carcaça. Com o tempo ganha-se experiência, mas a cautela sempre é necessária. A busca por carcaças também é interessante, obviamente o primeiro sinal a se procurar são urubus em algum ponto da vasta planície que faz parte de qualquer fazenda inserida no Pantanal. Para isso, qualquer elevação do terreno, ou uma árvore boa de subir, um moirão de cerca, ou até mesmo a caçamba de uma camionete fornecem uma visão privilegiada, aumentando o horizonte, e permitem melhor localizar os urubus. Uma vez encontrado um urubu pousado ou uma aglomeração deles, a aproximação deve ser feita devagar e com cuidado, sempre buscando rastros de onça que podem estar próximas.

Um cuidado essencial é verificar se os urubus estão pousados no chão, perto da carcaça, ou nos galhos de árvores. Na maioria das vezes, a onça arrasta a carcaça para um local de vegetação densa, onde ela possa comer tranquila, e com isso, nem sempre é possível ter uma visão direta da carcaça. Por isso o comportamento dos urubus é a chave para saber se a onça está ou não junto à carcaça. Urubus estão sempre em alerta em relação às onças, pois se facilitarem, podem ser mortos. Portanto, se eles estiverem tranquilos na carcaça, é possível se aproximar para investigar o local e coletar as informações necessárias.

É importante descrever o local da predação, como a presa foi abatida, o método de abate (locais dos ferimentos e causa mortis), descobrir se foi onça-pintada ou onça-parda, se o animal foi arrastado e qual a distância, a idade estimada da presa, se presa nativa ou animal doméstico, presença de rastros, se o predador estava sozinho ou acompanhado (se fêmea com filhotes, casal em corte, irmãos subadultos, etc), tipo de habitat, distância de áreas florestadas e qualquer outra informação que possa ajudar a entender o evento como um todo.